

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**CRANACH E A REFORMA PROTESTANTE: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E
PATRIMÔNIO CULTURAL**

EDIGLÊ SILVA HONORIO JOB

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP
2023

EDIGLÊ SILVA HONORIO JOB

**CRANACH E A REFORMA PROTESTANTE: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E
PATRIMÔNIO CULTURAL**

Relatório Final apresentado como parte das exigências da disciplina, Trabalho de Graduação à Banca Avaliadora da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Enedi Prince Silva

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - SP

2023

AGRADECIMENTOS

A minha amada esposa
Celina Maria Honorio Job
Pela paciência, apoio e incentivo

A minha mãe
Giselia da Silva
Por tudo que fez

Aos meus sogros
Wanderley Honorio e Marta Maria Alves Honorio
Pelo encorajamento e generosidade

A minha gestora do Museu de Arte Sacra
Edna Martelo
Pelas orientações, motivações e oportunidades que me foram dadas

Aos amigos do Museu de Arte Sacra
Pelos aprendizados, risadas e companhia

A minha orientadora
Ana Enedi Prince Silva
Pelas aulas, orientações e disposição

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
Pela experiência proporcionada em sala de aula com a Residência Pedagógica

Aos amigos e professores
Pelos aprendizados e partilhas.

Cuida com exatidão da perpendicular
e das paralelas perfeitas.
Com apurado rigor.
Sem esquadro, sem nível, sem fio de
prumo,
traçarás perspectivas, projetarás
estruturas.

Trecho do poema de Cecília Meireles

RESUMO

A presente monografia tem por intenção apresentar uma análise bibliográfica sobre a Reforma Protestante com perspectivas distintas com Lucien Febvre na sua obra "Martinho Lutero, um destino", Jean Delumeau com sua obra "Nascimento e afirmação da reforma" e por último, Friedrich Engels com seu livro "As Guerras Camponesas na Alemanha", sendo todos eles reconhecidos por suas obras relacionadas com a Reforma Protestante por terem agregado com suas pesquisas sobre esse tema. Ademais, será evocado um agente histórico pouco conhecido na história desse movimento que contribuiu para o tão conhecido movimento religioso no período da Idade Moderna chamado Lucas Cranach, o velho, pintor do movimento protestante, destacando as imagens desse pintor como patrimônio cultural e assim agregar com tudo o que já foi estudado sobre esse acontecimento que foi um dos movimentos mais marcantes da Idade Moderna. A metodologia usada no trabalho foi um levantamento com leitura e análise bibliográfica sobre o tema proposto.

Palavras-chave: Reforma Protestante; Cranach; Patrimônio.

ABSTRACT

This monograph intends to present a bibliographical analysis on the Protestant Reformation with different perspectives with Lucien Febvre in his work "Martin Luther, a destiny", Jean Delumeau with his work "Birth and Affirmation of the Reformation" and finally , Friedrich Engels with his book "The Peasant Wars in Germany", all of them being recognized for their works related to the Protestant Reformation for having added to their research on this topic. Furthermore, a little-known historical agent in the history of this movement who contributed to the well-known religion in the period of the Modern Age called Lucas Cranach, the old man, a painter of the Protestant Movement, will be evoked, highlighting the images of this painter as cultural heritage and thus adding with everything that has ever been learned about this event, which was one of the most striking movements of the Modern Age. The methodology used in the work was a survey with reading and bibliographic analysis on the proposed topic.

Key words: Protestant Reformation; Cranach; Heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lucas Cranach d.Ä. - Martin Luther, 1528	10
Figura 2 - O mapa mostra de forma aproximada, pelas razões supracitadas, as religiões predominantes na Europa em meados do século XVI	13
Figura 3 - Crescimento das Universidade católicas e protestantes	20
Figura 4 - Reforma Protestante em seu ápice	22
Figura 5 - Situação religiosa na Europa após a guerra dos 30 anos e a contra reforma	23
Figura 6 - Lucas Cranach, o Velho	24
Figura 7 - Lei e Graça	27
Figura 8 - Paixão de Cristo e Anticristo (1521). Lucas Cranach, o Velho	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 HISTORIOGRAFIA DA REFORMA PROTESTANTE.....	10
2 CRANACH E SUAS INFLUÊNCIAS NO MOVIMENTO REFORMISTA.....	24
3 PODER E INFLUÊNCIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL.....	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	3

INTRODUÇÃO

O tema foi selecionado por entender a importância de Cranach nesse movimento e pela pouca literatura brasileira feita sobre esse tema, e foi levantado nesse texto o impacto do patrimônio artístico no movimento, como suas pinturas influenciaram e ajudaram Martinho Lutero nos seus ideais. Este trabalho foi realizado em três capítulos intitulados: "Historiografia da Reforma Protestante", em que foi feita uma revisão bibliográfica dos autores Febvre, Delumeau e Engels. "Cranach e suas influências no movimento protestante". Neste capítulo será explorado a biografia de Cranach e como ele se juntou a Lutero nesse movimento. E o último capítulo chamado "O poder e a influência do patrimônio cultural ". Nesse último capítulo se entenderá melhor a questão do poder e influência do patrimônio cultural na sociedade, mais especificamente o patrimônio artístico que foi um dos fatores que fizeram propagar o movimento protestante.

SEÇÃO I

HISTORIOGRAFIA DA REFORMA PROTESTANTE

Figura 1 - Lucas Cranach d.Ä. - Martin Luther, 1528.



Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lucas_Cranach_d.%C3%84._-_Martin_Luther,_1528_%28Veste_Coburg%29.jpg.

O movimento conhecido como Reforma Protestante chegou nas universidades do Brasil em grande escala por intelectuais europeus como Febvre, autor do livro: *Martinho Lutero, um destino*. Delumeau, autor do livro: *Nascimento e afirmação da Reforma entre outros*. Esses intelectuais tiveram grande importância em suas análises e exposições sobre o movimento, embora o termo usado por eles hoje seja questionado, não desqualifica ou diminui seus estudos. No século XVI surgiram as teologias luteranas, calvinistas, anabatistas, anglicanas etc., e mesmo que tenham singularidades, existem diferenças acentuadas entre elas, e assim:

[...] percebeu-se que apesar dos movimentos terem em comum o questionamento político e teológico da Igreja Católica e a desobediência a autoridade papal, principalmente enquanto normativa de fé, tinham sido construídas duas teologias distintas, cujas especificidades fogem ao nosso objeto neste momento (NETO, 2019, p.5).

Além de Neto, outro Historiador que disserta sobre o termo protestante e sua origem é o historiador Murdock (2015), pois segundo ele, usar o termo protestante emergiu em alguns contextos durante o início do período moderno para sugerir uma frente unificada entre luteranos e calvinistas ou entre não-católicos. As alianças políticas e diplomáticas protestantes foram propostas, muitas vezes, quando os ditadores das regras luteranas e reformadas viam vantagens se unindo contra um impasse comum com os católicos. Muitos protestantes também respondiam positivamente ao apelo espiritual, à atração emocional, e aos benefícios práticos de direcionar seu senso de pertencimento à uma comunidade internacional de participantes de uma religião comum.

De acordo com Lucien Febvre (2012), em 1517 a Alemanha era destacada pela riqueza, recursos materiais, trabalho etc., mas em suas relações morais ou políticas não existia harmonia. Os alemães estavam sofrendo por não unificarem, mas sim serem um país dividido, sem liderança e com diferenças desordenadas e com dinastias sem seu poder total. Muitos países da Europa se organizavam em reinos, enquanto Alemanha se distancia do sistema medieval a passos mais lentos, e o imperador era apenas um título, e o império era apenas uma delimitação da terra.

O agostiniano Lutero foi a Roma com a expectativa de ver o “céu na terra”, mas encontra cardeais longe das suas funções e da bíblia, vendo a prática das vendas de indulgências. E para conseguir as indulgências tinha que seguir alguns protocolos: confessar de boca, visitar sete igrejas reconhecidas, declamar em todas elas cinco rezas do pai nosso e cinco Ave Maria, depositar uma oferta na caixa de indulgências de acordo com a condição social e assim por diante. Martinho Lutero não se conformou com isso e como ser humano, não soube lidar com suas emoções e foi realizando ações que não foram equilibradas, e até constrangeu seu discípulo e amigo Melanchthon com uma carta dizendo “seja pecador e peque com força”, e isso, como muitas outras ações mostram que as ações de Lutero vai além das denominações que teólogos faziam dele. Ademais, ao pregar as 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, ele expandiu seus pensamentos fora da clausura com os monges e

teólogos. Lutero concedeu suas interpretações da bíblia, permanecendo o mesmo homem que chegou no claustro da ordem dos agostinianos e formulando uma certeza naquilo que acreditava conforme sua régua de medida. O agostiniano Lutero não se preocupou em escolher a nomenclatura das mudanças que foram geradas, se reforma alemã, católica, nacional ou universal, mas fez com que a Alemanha tivesse um outro olhar, além disso, não era um reformador, mas sim um homem querendo ser comprometido com o livro que os cristãos seguiam como regra de fé e prática. Fazendo tudo isso com alegria e confiança com Deus ao seu lado, levando aquilo que se tinha deixado para trás e seu amigo Cranach, o velho, transmitia também o que foi perdido.

Lutero lançara-se, alegre, confiante, trazendo seu Deus em si e consigo, para redescobrir as fontes perdidas que já não jorravam no pátio das igrejas ou no claustro dos conventos. Tal como seu amigo, o velho Cranach, em seus quadros ingenuamente complexos, também ele sonhava com a fonte da juventude (Febvre, 2012, p.313).

De acordo Murdock (2015), no *The Oxford Handbook of the Protestant Reformations*, editado pela historiadora Rublack, na edição de 2015, os mapas da Europa Reformada tendem a dar a impressão que os protestantes (ou luteranos ou calvinistas) pertenciam a uma comunidade trans-territorial identificável. Isto é problemático, dada a profundidade e significância das divisões entre protestantes. O consenso teológico entre o clero protestante era alcançado normalmente quando eles estavam enfrentando considerável pressão política para alcançar concordância. Circunstâncias políticas proveram o contexto vital para o consenso em Zurich de 1549 entre Calvino e Bullinger. Quando os nobres não-católicos na Bohemia juntaram forças para pressionar seu rei Maximiliano para conceder direitos de culto, ministros de diversas denominações protestantes da época se provaram aptos a concordar em um único tratado de fé em 1575, a Confissão Bohemia.

Um dos pontos de divergência mais óbvio entre os protestantes emergiu sobre a presença de objetos de cultos nos edifícios das igrejas. Aos olhos de alguns reformistas, Luteranos e Utraquistas só fizeram mudanças superficiais aos objetos de cultos católicos tradicionais, trocando as imagens esculpidas por quadros. Os luteranos rejeitavam a crítica feita por calvinistas de que seus quadros nas igrejas poderiam ser vistos como engenhos de superstição e idolatria também, e deveriam

ser removidos da exposição pública. O espalhamento da reforma religiosa pelo continente pode ser traçado em parte pelo mapeamento da iconografia calvinista e surtos de iconoclastia popular. A atitude severa contra objetos materiais nos edifícios das igrejas pelos calvinistas, estabeleceu uma das maiores fronteiras confessionais entre as áreas reformadas, católicas e luteranas.

Figura 2 - O mapa mostra de forma aproximada, pelas razões supracitadas, as religiões predominantes na Europa em meados do século XVI.



Fonte: World History Encyclopedia, Inc (2021).

Em sua vida, Lutero apresentou-se quem era e o que queria com suas ações e diálogos, fazendo nascer situações com consequências espirituais que ele não previu. Além disso, por ter realizado o cisma sem instaurar a unidade, definindo e diminuindo os ganhos da Igreja Católica, gerando surgimentos de outros grupos religiosos e por outras coisas, é plausível que o reformador Martinho Lutero mereça o reconhecimento de pessoas que ele não cansou de lutar e repugnar.

Segundo Rocha (2010), ao escrever o livro “Martinho Lutero, um destino” que foi publicado em 1928, Febvre escreve na perspectiva íntima de Lutero, com uma análise psíquica, e com a possibilidade também de enxergar o povo alemão com esse mesmo olhar. Febvre se aproxima do personagem de uma forma cativante cada vez que conhece mais seus pensamentos do povo alemão.

Por diversos momentos Febvre se revela envolvido, seduzido pela personalidade de Lutero, pelo poder encantatório de seu idealismo sobre os alemães (Rocha, 2010, p.60).

Lucien Febvre foi um historiador francês do século XX e um dos fundadores da Escola dos Annales, integrando diferentes disciplinas e considerando uma ampla gama de fatores sociais, culturais e econômicos. O trabalho de Febvre sobre a Reforma Protestante, em particular, é notável por sua ênfase na compreensão da mentalidade das pessoas da época. E Febvre como fonte para entender Lutero se dá pela forma de pesquisa com fontes documentais que ele faz e como ele trabalha a historiografia com uma forma diferente da tradicional da época, pois trabalhou com a interdisciplinaridade, sendo uma obra original. Observou a pessoa de Lutero com suas paixões, e as consequências destas, mas não tinha a finalidade de julgar Lutero, sendo esse o objetivo. No início do livro isso ficou transparente, pois o fundador da Escola dos Annales junto do historiador Marc Bloch afirma que o livro não tratará de uma biografia do Lutero, mas uma opinião. Lembrando que essa opinião foi embasada em fontes históricas. Apresentando Lutero com uma vida ímpar, com os problemas das relações entre o indivíduo e a coletividade.

Para Jean Delumeau (1989), o racha ou cisma ocorrido na Reforma Protestante por conta dos abusos da Igreja não foram suficientes para esse movimento existir, pois no pontificado do Papa São Gregório VII, a prática das vendas das indulgências já existia e não teve nenhuma ruptura ou divisão comparada ao movimento protestante. A Guerra dos Cem Anos, Peste Negra, assassinatos entre outros fatores foram o que favoreceram a Reforma. Foram gerados no imaginário do povo somente desgraças e terror, e tudo que estava acontecendo deveria ser por causa do pecado, fazendo o povo se sentir culpado das ações horríveis que viram e presenciaram.

A peste negra reforçou o medo, já que o juízo final, o lago do fogo e a morte estariam próximos. Ademais, o crescimento da burguesia e do artesanato, o início de um sentimento de nacionalismo entre outros fatores, fizeram nascer no final da Idade

Média uma desorganização dos cristãos, e assim, os devotos não sabiam diferenciar o sacro do profano, o sacerdote do leigo, havendo assim uma depreciação sacerdotal. Uma explicação da Reforma Protestante é pelo olhar de Marx, em que as religiões nascem de acordo com o tempo e também filhas da economia.

Mesmo nas supostas guerras de religião do século XVI, tratava-se antes de tudo de muitos positivos interesses materiais de classes, e essas guerras foram lutas de classes exatamente como as colisões internas mais tarde produzidas na Inglaterra e na França (Engels *apud* Delumeau, 1989, p.251).

O historiador Corrado Barbagallo foi outro intelectual que apresentou uma perspectiva sobre a Reforma Protestante

Considera-se geralmente a Reforma como um processo de conversão religiosa de uma parte da Europa... Eu não consegui compreender como pode se pensar que multidões de pessoas, num ou noutro país, foram capazes de se interessar pelas subtilezas teológicas de um Lutero, de um Zwinglio, de um Melanchton ou de um Ecolampado, que mal são entendidos pelos profissionais da teologia (Barbagallo *apud* Delumeau, 1989, p.252).

Os escritos de Lutero são muitos e isso já se observava em 1906 quando se contavam 2000 escritos sem somar artigos e brochuras. Entretanto, esses textos de Lutero somente tomou um novo curso no séc XX, por mais de três séculos, o Lutero histórico quase não foi lembrado, sendo que seus contemporâneos, por exemplo, Jonas, Melanchton e Sachs, idealizaram a imagem do antigo Lutero e divulgaram a figura de um anjo amparado para abater o Anticristo de Roma. O agostiniano provavelmente teria descoberto o cerne de sua teologia, seguindo a tradição de Pedro Lombardo com o pecado e tentação, pois, Lombardo afirmava que o homem não deixe de pecar, e assim é pecador e indigno toda a vã vida e não merece a vida eterna. Sendo o ser humano justificado pela fé, independente das suas ações.

Diante disso, Lutero encontra a resposta de sua inquietação, e a doutrina da justificação pela fé se tornaria o ponto central do protestantismo, indo na contramão da Igreja romana, passando a minimizar os delitos atuais, bem como o esforço para suplantar a tendência do mal. Os sinais que difundem as graças, deixará de ser importante para Lutero e o diálogo entre Deus e o cristão será intermediado entre o redentor e o redimido. Sendo só a fé que salva e não as obras, especialmente as

falsas boas obras alcançadas por causa do dinheiro. O ser que se vê salvo por comprar indulgências, está em uma falsa segurança. Martinho Lutero declarava que o pecado está em cada pessoa, e o pecado deve provocar uma incessante desconformidade.

Jean Delumeau em sua obra "Nascimento e afirmação da reforma" desenvolveu e acrescentou ideias de Febvre, e se dedicando aos motivos que levaram ao movimento protestante.

Pode-se afirmar que Jean Delumeau desenvolveu e ampliou questões já estabelecidas por Lucien Febvre. Em Un "Chemin d'Histoire, Chrétienté et Christianisation, Delumeau estuda os cristãos no tempo da Reforma e, também como Febvre, indaga-se sobre as causas do movimento protestante, mencionando a princípio duas explicações mais tradicionais: uma primeira que remete aos abusos da Igreja, e outra de cunho economicista, sobre a luta da burguesia contra o feudalismo (Monteiro, 2007, p.134).

Jean Delumeau não se preocupou em detalhar os processos históricos em muitas das suas formas que ocorreram no séc XVI, mas preferiu destacar os resultados desses processos e entre tantas páginas, ele escreve sobre a força da iconografia medieval relacionada com a morte, e isso se observa nas histórias que Delumeau apresenta em seu livro, por exemplo, as danças macabras que foram pintadas, escritas e executadas.

Delumeau, em seus textos sobre o imaginário medieval e sua relação com os diversos acontecimentos que marcaram a época, inclusive a Peste Negra, descreve a importância de uma iconografia marcante que simbolizava e expressava a "angústia coletiva" das pessoas, especialmente relacionadas com a temática da morte (Marlow e Rosa, 2021, p.93).

Friedrich Engels foi um político intelectual que se destacou em várias áreas e inclusive na área da religião com sua obra "As Guerras Camponesas na Alemanha", contribuindo com a historiografia e ampliando as análises já feitas sobre esse período, sendo Engels mais que um ajudante nesse tema com afirma Löwy *apud* Ribeiro

Engels é mais do que um colaborador da sociologia da religião, [...] . No âmbito das reformas protestantes, Engels apontou a base material de desenvolvimento de cada uma dessas correntes religiosas e os elementos sociais que geraram a aproximação, por afinidade de

sentido, de cada uma delas com uma determinada classe social (representação religiosa) (Löwy *apud* Ribeiro, 2020, p.08).

Segundo Ribeiro (2020), no livro “As Guerras Camponesas na Alemanha”, publicado em 1850, Engels entendeu que os anabatistas durante ao movimento protestante, não se colocava como uma religião que acabaria com o sofrimento deste mundo, que inclinava para o conservadorismo ou reacionarismo, mas uma nova religião que se apresentava para confrontar a ordem do período, e pretendia levantar uma comunidade igualitária, sendo os anabatistas um grupo que não iriam ficar somente nas contestações, mas viriam a ser revolucionários. *Ribeiro afirma que Engels entende que a religião desempenha um papel ativo na sociedade, influenciando e sendo influenciada por diversas dinâmicas, indo além de uma simples reflexão passiva das condições materiais.*

Ribeiro (2020), comenta o prefácio à segunda edição da obra de Engels que o filósofo alemão faz uma relação entre as revoluções de 1848-1850 e de 1524-1525, que uma grande diferença entre essas revoluções é que a segunda se desenvolveu na Alemanha, e a primeira teve um contexto mais profundo, abrangendo toda a Europa. O destaque que Engels dá para essas duas revoluções, é impulsionado na vontade de produzir um conhecimento prático político. Os servos do período tinham uma vida de carência material, trabalhando na maior parte do seu tempo nas terras dos seus senhores, e tinham obrigações tributárias, por exemplo, pagar o dízimo e impostos. Apesar de tantas obrigações, humilhações, sofrimentos impostos a eles, dificilmente eles iriam se rebelar contra seus senhores por motivos culturais em que eles estavam acostumados a se submeter, pouco hábito em sua maioria do uso de armas, entre outros fatores.

o costume secular da submissão, transmitido de geração em geração, e em muitas regiões a perda do hábito de usar armas, a dureza maior ou menor da exploração que variava de acordo com a pessoa do senhor contribuíram para mantê-los imobilizados (Engels *apud* Ribeiro, 2020, p.12).

Por conta desses fatores mencionados acima, Ribeiro disserta que as reformas protestantes fizeram nascer dos grupos em destaque em oposição à Igreja e às instituições feudais, os luteranos, que eram ponderados e os reformadores, que apresentaram a burguesia e a pequena nobreza, e além desses, o anabatistas eram relevantes também, tendo como liderança Thomas Münzer, que apoia as causas dos

camponeses, plebeus e do emergente proletariado. No começo das reformas, os dois grupos se juntaram para confrontar a Igreja Católica, que apoiava os interesses do alto clero, alta nobreza entre outros grupos de nobres. Diversos grupos religiosos participaram dos conturbados eventos do século XVI, mas Engels afirmou que não era uma guerra de religião, mas uma guerra de interesses materiais. Para Engels, Münzer idealizou uma sociedade que poderia ser um esboço de comunismo, e na liderança de Münzer que os camponeses e plebeus se organizaram em um partido para um programa de revolução. Jean Delumeau realiza duras críticas nas leituras de marxistas como Engels sobre o revolucionário Münzer, pois argumenta que Münzer não deixou de ser um teólogo para virar um revolucionário

Segundo o historiador Jean Delumeau (1997), estudando os milenarismos europeus no belíssimo livro Mil anos de felicidade, a interpretação no caso de Munzer, por pensadores marxistas como Engels, mostrou-se anacrônica e pouco digna de crédito, e conclui que “[...] ela é julgada atualmente superada (Sousa, 2013, p.119).

Segundo Sousa, o teólogo e revolucionário Munzer, não perdeu a identidade de teólogo para se tornar um subversivo, mas Münzer se apropriou dos dois, mas mesmo criticando Engels, Delumeau realiza conclusões parecidas às de Engels

Pode-se dizer que, mais que qualquer outro, ele [Tomas Munzer] incitou à ação revolucionária. A principal mensagem que dele se conservou – na época e mais tarde – foi certamente o apelo à guerra santa contra os ricos eclesiásticos e leigos. Esse apelo aparece ao longo de todos os seus escritos com uma veemência crescente (Delumeau apud Sousa, 2013, p.119)

Diferente de Münzer, Lutero não concordava com as ações dos camponeses, mas Engels escreve que Lutero involuntariamente contribuiu com as novas interpretações da bíblia a traduzindo do latim para o alemão. A obra de Engels não se preocupa em pormenorizar os sacramentos, sinais, signos, representações da religião, mas sim se preocupa em tratar do aspecto material, na relação da religião com a luta de classes como menciona Ribeiro

A obra, “As guerras camponesas na Alemanha”, não traz análises sobre os elementos litúrgicos, simbólicos ou mitológicos do fenômeno religioso. Apenas de modo superficial Engels trata de alguns desses aspectos. O que se encontra é exatamente um olhar atento sobre o

papel desempenhado pela religião no contexto de luta de classes na Alemanha no início do século XVI (Ribeiro, 2020, p.23).

Existem outros intelectuais que pesquisaram sobre a Reforma Protestante, e foram importantes para o debate historiográfico, ainda assim, Lucien Febvre, Jean Delumeau e Friedrich Engels tiveram suas particularidades na análise desse movimento. O primeiro trouxe uma perspectiva psicológica e humana da vida do monge agostiniano Martinho Lutero, em que se deveria olhar para suas emoções e fragilidades para melhorar o entendimento de sua revolta contra a Igreja, chegando em outros fatores que o influenciaram, como as indulgências, e traz as relações entre o indivíduo e a coletividade.

O segundo autor discute temas que Febvre também trabalhou, por exemplo, as ações religiosas da Europa no século XVI, mas apresenta sua particularidade explanando as superstições que se espalharam e o combate a elas, outro tema é sobre um alerta que Delumeau realiza ao querer definir o que é religioso e o que é mágico, pois eles podem ser um só. Delumeau também interpretou as Reformas e analisou as principais correntes religiosas do período: luterana e calvinista apresentando assim diversas respostas para o movimento. O terceiro autor examina de forma ímpar a Reforma protestante pela luta de classes, e tenta buscar as respostas da derrota de 1848 olhando para Münzer como afirma Sousa

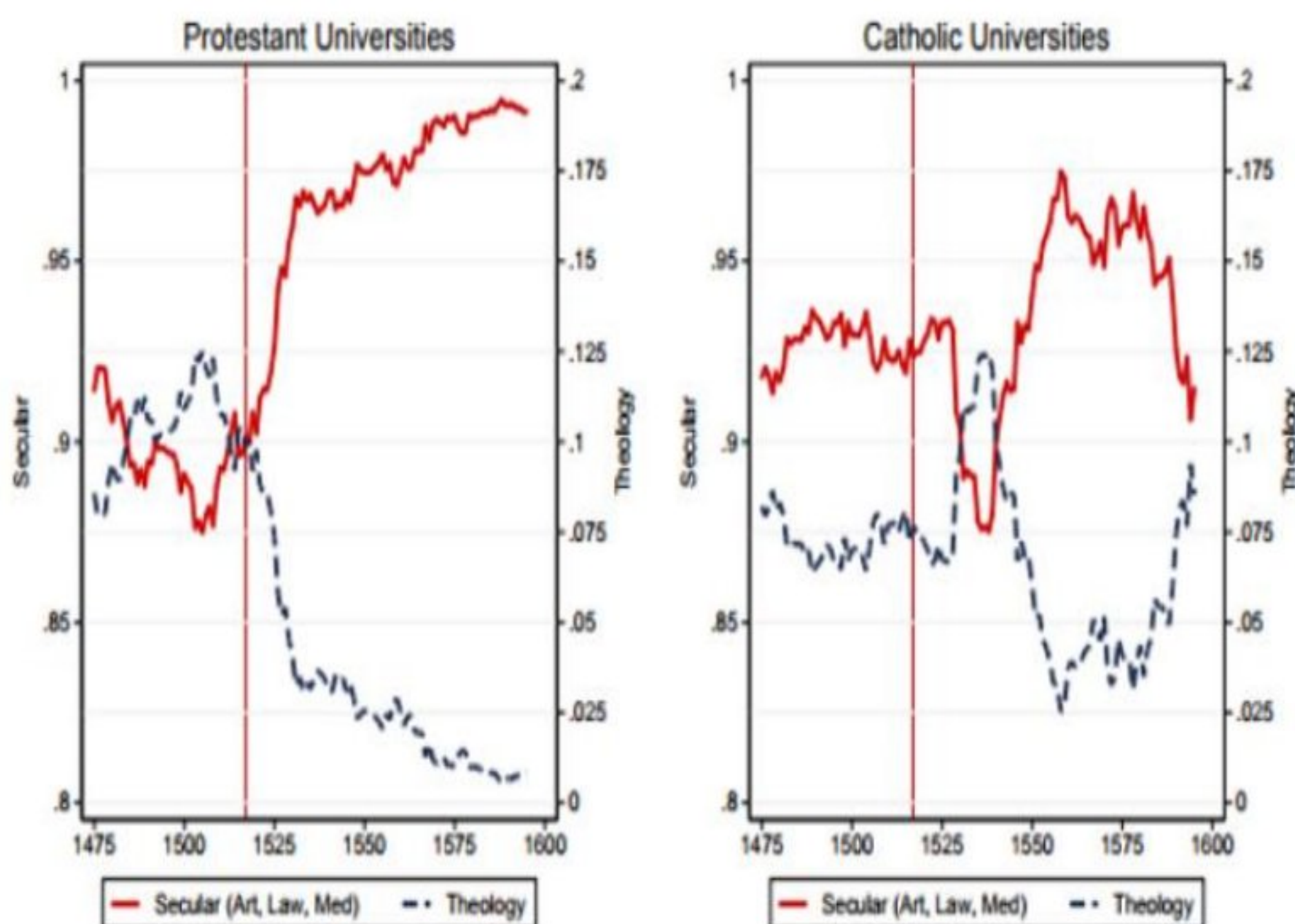
“Em As Guerras Camponesas na Alemanha, de 1850, fica bastante explícita a tentativa de buscar na revolta de Thomas Munzer, as respostas que levaram à derrota das classes trabalhadoras de 1848 na França e Alemanha. Ao mesmo tempo, pelas comparações analíticas busca-se uma nova forma de luta e oposição à burguesia.”
(Sousa, 2013, p.119)

Um fator a ser mencionado decorrente da Reforma Protestante são alguns indicadores estatísticos, com nações de origem protestante apresentando, em média, melhores indicadores educacionais em comparação com países predominantemente católicos. Segundo Barreira (2017), o incentivo à leitura da Bíblia e ao estudo teológico para além da liderança religiosa teve sua influência. Essa divergência histórica se manifestou em níveis mais baixos de escolarização em países católicos, num primeiro momento pós reforma. A obra clássica de Max Weber, "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", destaca a influência do pensamento teológico calvinista no impulsionamento do desenvolvimento capitalista. Weber argumenta que a ética

protestante, que via o trabalho como um fim em si mesmo, promoveu uma mentalidade de constante aperfeiçoamento profissional e acumulação de capitais, influenciando o desenvolvimento econômico.

Além disso, é possível citar impactos indiretos do protestantismo na "secularização da economia". Estudos indicam que a adoção do luteranismo na Alemanha promoveu a expropriação de terras e capitais pertencentes à Igreja, anteriormente dedicados a atividades monásticas, redirecionando esses recursos para atividades seculares e voltadas para o mercado. Esse processo de "secularização econômica" teve implicações significativas na educação superior, com universidades católicas mantendo uma forte influência teológica enquanto os protestantes passaram a valorizar cursos seculares, como medicina, direito e artes.

Figura 3 - Crescimento das Universidade católicas e protestantes.



Fonte: Barreira (2017).

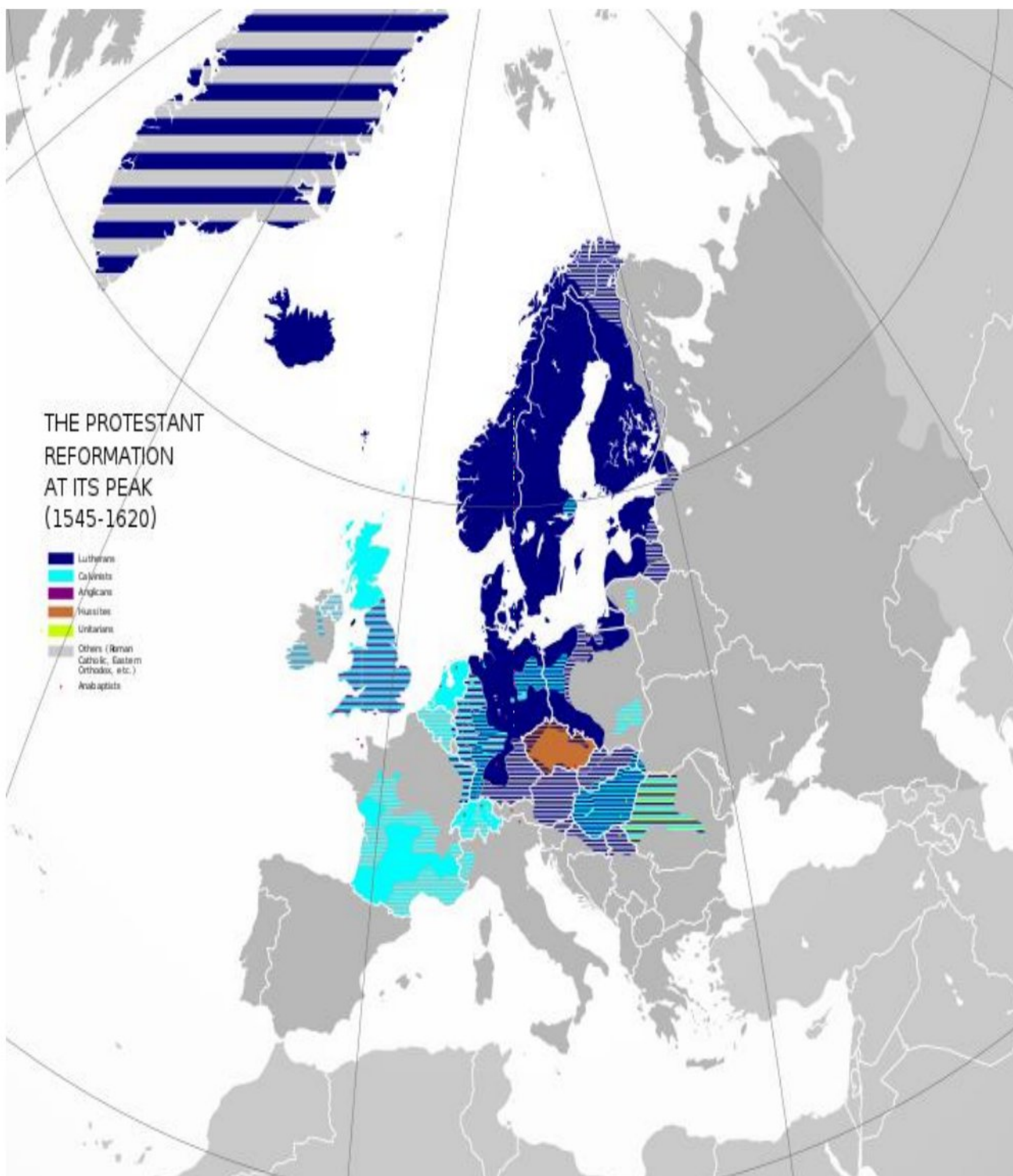
No auge da Reforma Protestante, a difusão do movimento representou uma ameaça significativa à estabilidade da Igreja Católica e do Papado segundo Murdock (2015), e em 1545, durante o Concílio de Trento, essa preocupação levou à consideração de medidas pela liderança religiosa católica, marcando o início da

Contrarreforma. A disseminação das diferentes formas de protestantismo ao longo desse período levou a uma sobrecarga religiosa e, em 1620, a Batalha da Montanha Branca marcou o fim do protestantismo na Boêmia, atual República Tcheca.

No entanto, a ocorrência da Casa dos Habsburgos na Guerra dos Trinta Anos, a partir de 1618, resultou em um declínio drástico em termos territoriais e demográficos para o protestantismo, à medida que medidas dinâmicas contra-reforma foram inovadoras em suas vastas possessões na Europa Central.

A Guerra dos Trinta Anos, desencadeada por conflitos religiosos e políticos, exacerbou as divisões e teve consequências significativas para a propagação do protestantismo na região. As ações da Casa dos Habsburgos, empenhadas na defesa do catolicismo, desenvolvidas para a reconfiguração do cenário religioso e político na Europa Central, marcando um capítulo crucial na história das lutas religiosas do século XVII.

Figura 4 - Reforma Protestante em seu ápice.



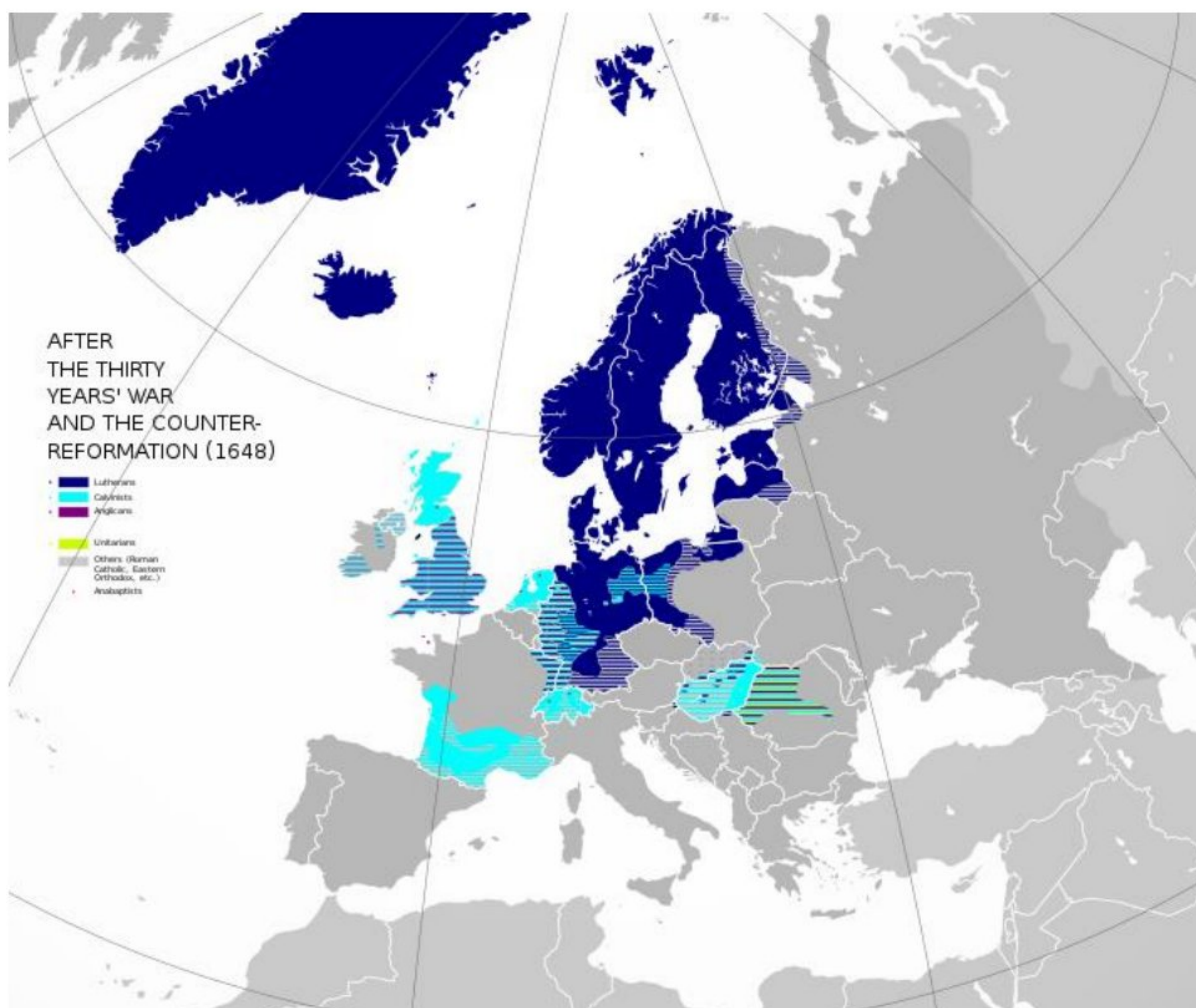
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Protestant_Reformation.svg.

Em 1545, teve início o Concílio de Trento, um marco significativo na história da Igreja Católica que lançou oficialmente a Contra-Reforma como resposta ao crescente desafio do Protestantismo na Europa. Confrontada com as críticas e reformas propostas pelos líderes protestantes, a Igreja Católica buscou revitalizar e fortalecer sua posição teológica e institucional. Ao longo das décadas que se seguiram, o

Concílio de Trento prometeu decisões que reafirmaram princípios doutrinários, abordaram questões éticas e disciplinares, e estabeleceram diretrizes para a formação e conduta do clero.

A Contra-Reforma não apenas buscou concordar práticas questionáveis dentro da Igreja, mas também viu recuperar a unidade perdida e, assim, restaurar a coesão da Igreja Católica em um contexto de crescente fragmentação religiosa na Europa.

Figura 5 - Situação religiosa na Europa após a guerra dos 30 anos e a contra reforma.



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Counterreformation.svg.

SEÇÃO II

CRANACH E SUAS INFLUÊNCIAS NO MOVIMENTO PROTESTANTE

Figura 6 - Lucas Cranach, o Velho.



Fonte: https://en.m.wikipedia.org/wiki/Lucas_Cranach_the_Elder.

Lucas Maler que viria a ser conhecido como Lucas Cranach, e posteriormente acrescentaria “o velho” ao nome por conta de seu filho iniciar a mesma carreira, nasceu em 1472. Era a favor da Reforma Protestante, apoiando Lutero

Lucas Cranach foi um pintor renascentista germânico. Adepto da Reforma Protestante, apoiou Lutero em tudo que este dizia e pensava e, promovendo seus retratos, alargou a fama do reformador. Ele produziu uma diversidade de pinturas e xilogravuras que retratam suas percepções dos ensinamentos do amigo. Suas obras, impressas em panfletos e/ou expostas em igrejas, serviram como propaganda do movimento reformatório, bem como das temáticas religiosas abraçadas (Figur, 2015, p.01).

Em 1508 com 25 anos, Martinho Lutero vai para Universidade de Wittenberg onde conhece Cranach, que fez diversas pinturas em seu favor, ou melhor, da Reforma Protestante, difundindo a teologia de seu amigo. Essas pinturas estavam inseridas na bíblia que Lutero traduziu para o povo ver e entender o que ele queria apresentar em comparação com a Igreja Católica. Segundo Moser *apud* Keim , o pintor, artista e gráfico Lucas Cranach, proprietário de uma empresa de impressão e muito rico, pagou com suas próprias rendas, aproximadamente um milhão de cópias

dos textos defendidos por Lutero no ano de 1518 e nos anos seguintes, números esses baseados no Museu de Lucas Cranach.

Ademais, os escritórios de Cranach tiveram uma segunda fase no processo educativo-revolucionário ao imprimir aproximadamente cem mil cópias do Novo Testamento. Essas cópias foram distribuídas gratuitamente, sendo entregues em capítulos separados para conjuntos de dez residências.

A estratégia por trás dessa distribuição fragmentada visava promover dos ocupantes de cada moradia discussões sobre os versículos do capítulo que receberam. Posteriormente, os textos eram reunidos e encadernados, formando um único documento. Os recursos que possibilitaram essa distribuição gratuita foram fornecidos pelas ações recebidas de nobres aliados, financiamento pessoal de Lucas Cranach e também pelos ganhos obtidos com seus trabalhos artísticos, que foram economicamente valorizados.

Essas cópias impressas por Cranach, foram entregues em diversas casas da Alemanha, não só difundindo os princípios reformistas, mas incentivando as pessoas a se dedicarem à alfabetização. Essas ações foram essenciais para que a reforma protestante ganhasse força e tivesse a notoriedade de um processo revolucionário.

A sustentação popular resultante dessa iniciativa marca, pela primeira vez na história europeia, uma extensa disseminação de textos impressos ligados a um movimento. Vale ressaltar que esses textos em circulação não se restringiram às distribuições gratuitas pela liderança do movimento.

O interesse suscitado entre o público levou à produção de numerosos escritos a favor e também contrários aos ideais de mudança, resultando na criação de diversos panfletos, livros, cartas e artigos amplamente divulgados. Esse efeito garantiu lucros, e também contribuiu para a expansão da riqueza de muitos editores, tanto na Alemanha quanto na França. Essas impressões e apoio ao Lutero foram motivadas por causa da tirania que o povo era submetido pelo poder de Roma, e Cranach queria libertar o povo dessa opressão.

Segundo Ruprecht, *Gabatz e Saldanha (2022)*, a escolha de Martinho Lutero por Lucas Cranach não foi sem fundamento, ela refletiu a necessidade de uma camada do artista com a crescente teologia luterana. Isso visava garantir uma harmonia eficaz entre a palavra escrita e a representação visual nas iluminuras.

Essa sinergia foi posteriormente destacada na obra do filho de Lucas Cranach, o velho, intitulada "Crucifixão", parte central do Retábulo de Weimar, na qual Cranach, o velho, figura ao lado de Lutero e João Batista, sendo atingido por um jorro de sangue de Cristo.

A posição de Cranach na pintura é a de um divulgador do Evangelho, como Lutero o foi. Strelhow (2017) agrega apresentando em seu texto que a Reforma Protestante, influenciada pela Renascença cultural, experimentou um notável crescimento na produção de materiais impressos. Milhares de panfletos, sermões, plaquetas, dedicatórias e prefácios foram publicados, refletindo a expansão do movimento.

Tanto a literatura quanto a arte, especialmente através de xilogravuras e imagens gráficas, desempenharam um papel crucial na propaganda protestante. A circulação das impressões, permitiu que o discurso dos reformadores fosse concretizado, possibilitando que mesmo aqueles que não foram letrados pudessem compreender os estudos críticos sobre a Igreja e suas bases teológicas. Esse avanço representou uma mudança mais profunda na comunicação visual de todo aquele período, pois possibilitou uma disponibilidade sem precedentes de imagens para a difusão de ideias reformistas.

E a disseminação generalizada de obras literárias, em especial aquelas de cunho humanista, e principalmente das representações visuais impressas, propiciou uma maior inclusão das camadas periféricas. Como fato a esse respeito, surgiu uma consciência política popular intrinsecamente ligada à teologia.

A vida política, predominantemente, se manifesta de maneira oral e visual. As associações ligadas ao movimento social reformista desempenharam um papel significativo no fomento do pensamento crítico e na formação da opinião pública. Essas expressões visuais, divulgadas por toda a Europa ou direcionadas a grupos sociais específicos, proporcionaram às pessoas a oportunidade de se tornarem conscientes e de insurgirem como uma voz ativa na esfera social.

A Reforma Protestante, dessa maneira, fortaleceu os laços de solidariedade político-social e consolidou um senso de coesão cívica que culminou na revolução das classes médias, subjugadas pelas guildas, contra adversários tanto externos (bispos) quanto internos (patrícios), esse desdobramento de eventos deu origem a uma luta de classes na sociedade alemã. O movimento que envolvia a periferia, o clero burguês

e a Igreja, intensificou-se diante do processo de racionalização que se espiritualizava nos indivíduos de todas as classes sociais.

A compreensão de Lutero sobre a arte religiosa estava intrinsecamente ligada à sua interpretação da Bíblia. Para ele, o propósito da arte religiosa era levar o observador ao significado "verdadeiro" e "simples" das escrituras ou a um ponto teológico fundamental que sustentasse esse significado. Contrariando o ímpeto iconoclasta da Reforma, Cranach cristalizou temas essenciais da teologia protestante em suas obras. Um exemplo é o quadro "Allegorie auf Gesetz und Gnade" (Alegoria da Lei e da Graça), pintado em 1529, no qual visualmente explicado, por meio de uma rica alegoria, a complexa distinção entre a lei e o Evangelho.

Figura 7 - Lei e Graça.



Fonte: Parker (2009).

A imagem acima pode ser considerada como uma das mais importantes pela representação sobre teologia da Lei e Graça que será discutida ao longo do texto e por sua difusão. Se observa que o quadro está dividido em duas partes por uma árvore, o lado direito está mais reluzente, mostrando Jesus crucificado e ressuscitado, dois homens olhando um para outro, um deles com um manto vermelho apontando para o crucificado e o outro nu. O Jesus ressuscitado está com um estandarte que é mencionado em Isaías 5.26 da bíblia, ao fundo se enxerga um conjunto de casas, possivelmente uma cidade entre outros objetos. O lado esquerdo da imagem já

observa aspectos sombrios, como uma caveira encravando uma lança em uma coisa que não parece muito com um ser humano, e mais a frente tem um homem correndo, ao lado direito deste, há três homens com veste eclesiásticas, sendo que um está com um livro na mão, podendo ser os dez mandamentos de Moisés descritos no livro de Êxodo da bíblia; ao fundo tem um casal com uma fruta na mão simbolizando Adão e Eva, mais ao fundo se enxerga tendas, ou algo similar e no alto há uma divindade com uma espada em uma mão simbolizando seu julgamento e ou lírio na outra mão representando a ressurreição.

Toda essa descrição é ainda bem singela do que poderia ser feito, pois há aspectos convencionais e intrínsecos para analisar segundo Panofsky *apud* Saldanha (2018), mas como não é o intuito do texto, apresento somente mais algumas representações da imagem.

A divisão da árvore em duas, um lado seco e outro coberto de folhas, remonta à enciclopédia medieval Liber Floridus, que usa imagem de árvores como metáfora de dois caminhos opostos. Nessa enciclopédia encontramos de um lado a árvore da vida, representando a igreja, de outro a árvore do conhecimento do bem e do mal, representando a sinagoga. No quadro de Cranach são os caminhos da lei e da graça, apresentando a lei como estéril, seca e incapaz de gerar a vida existente no caminho da graça (Saldanha, 2018, p.90).

Segundo Saldanha (2018), a representação meticulosa do cenário, instiga uma sensação de continuidade entre os dois quadros. Essa divisão da obra em dois caminhos pode induzir a uma interpretação contraditória, revelando uma abordagem antinomista, pois é importante observar que essa divisão faz parte do todo, e assim a árvore faz parte do todo, sendo dos dois lados da pintura. Lembrando que tanto as montanhas como os arbustos fazem parte do todo da pintura. E, seguindo esse pressuposto, quando Moisés aponta para as leis ou tábuas da lei, ele também aponta para o outro lado da árvore, em que a salvação é encontrada.

Essa interpretação alinha-se com o entendimento de justiça divina, que não se fundamenta na noção de legalista de justiça pelos pecados. Segundo essa visão, o ser humano não é capaz de alcançar o seu melhor, tornando-se a base da justiça divina o perdão. Assim, a lei revela o pecado, mas apenas a ação monergista de Deus pode perdoo-lo, sendo a responsabilidade humana limitada à ação passiva de ter fé, entendida por Lutero como o ato de ceder diante de Deus.

Essa obra de arte de Lucas Cranach estava presa em um tempo em que não se fazia ou se cogitava fazer uma pintura com a intenção de contrariar ou mudar as escrituras, mas apresentar o que está escrito no livro, seria uma exegese transmitida pela pintura. Em razão disso, Cranach esmiuçou a bíblia para colocar na tela, ajudando o contemplador a entender a bíblia pela imagem.

A pintura religiosa de Cranach, em especial a obra *Gesetz und Gnade*, estava inserida num contexto em que a representação artística não deveria substituir as escrituras, mas apontar para a interpretação correta da Bíblia. Daí que Cranach tenha dedicado atenção aos textos bíblicos colocados junto à pintura e que conduzem o expectador na interpretação da imagem (Saldanha, 2018, p.96).

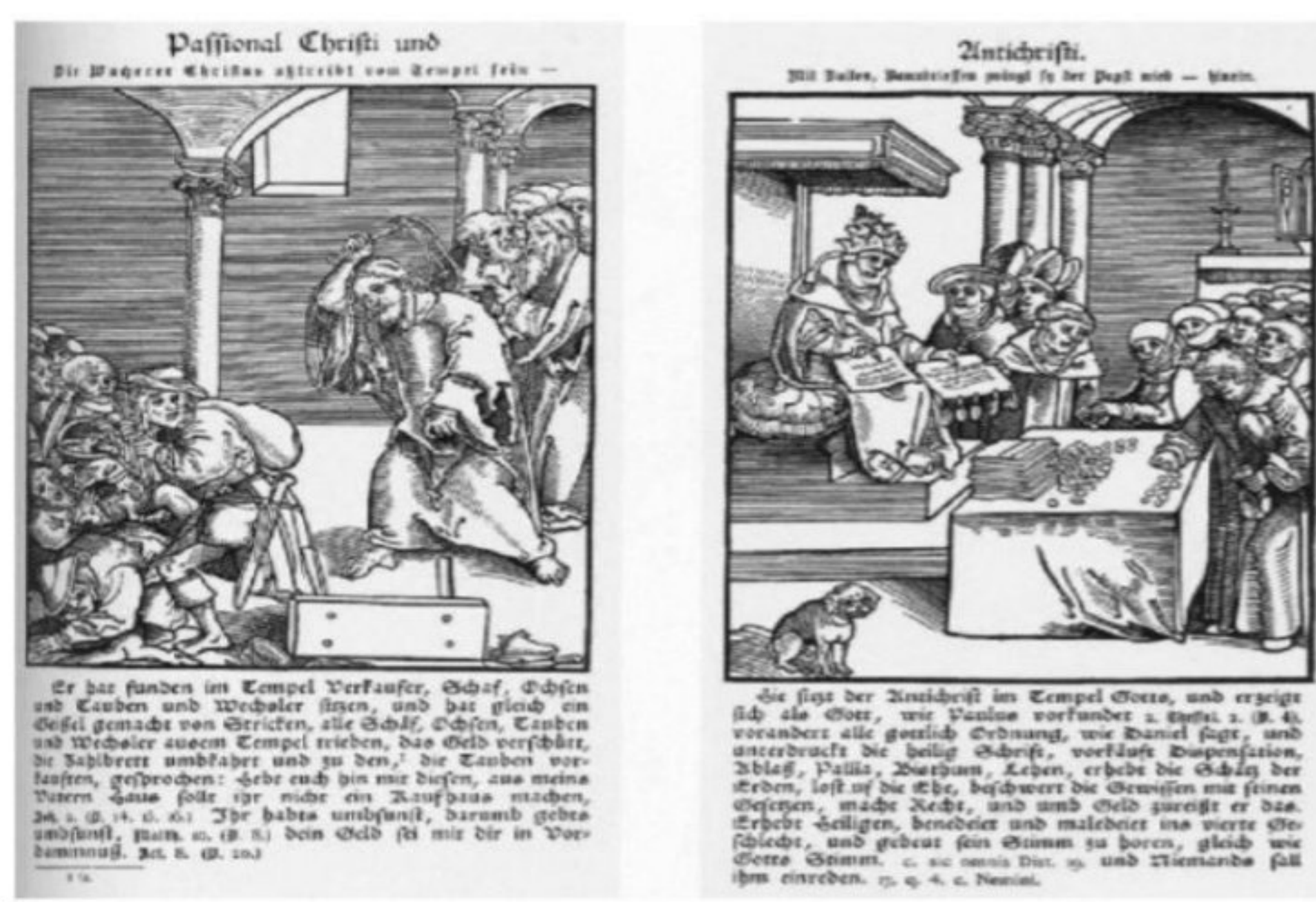
No entanto, o pintor não procurou criar uma Bíblia dos pobres, ou seja, um texto visual que servisse como alternativa ao texto bíblico. Cranach se agarrou nos significados da fé protestante, ofertando ilustrações que não apenas apresentam imagens, mas interpretam temas importantíssimo para o luteranismo, tais como a justificação pela graça, a relação entre a fé e as escrituras, e a centralidade da cruz.

Como vimos no primeiro capítulo, Martinho Lutero entendeu que as indulgências cobradas para perdão eram incorretas e injustas, tanto que em suas teses, isso fica bem nítido na sexta tese: "O Papa não pode perdoar dívida senão declarar e confirmar aquilo que já foi perdoado por Deus; ou então faz nos casos que lhe foram reservados. Nestes casos, se desprezados, a dívida deixaria de ser em absoluto anulada ou perdoada", o que significou o não cumprimento dos dez mandamentos não garante que o fiel irá para o inferno, já que ele vive pela fé ou graça, sendo assim, a pintura acima apresenta ao fiel que ele não precisa se desesperar, mas deve se arrepender diariamente. E a indulgência não garante perdão verdadeiro, pois depende do pecador e isso foi um alívio e interessante para os pobres que não tinha dinheiro para ficar comprando aqueles documentos para serem perdoados a todo momento, e para a teologia de Lutero chegar em mais grupos de pessoas, Cranach aparece no momento certo fazendo a tradução ser lida através das imagens e também para chamar atenção com a estética das suas iluminuras. Há relatos que Lutero visitava locais públicos para ouvir a forma que as pessoas falavam e assim fazer uma tradução que o povo poderia entender.

Não se deve perguntar às letras na língua latina como se deve falar em alemão [...] é preciso perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao popular na feira, ouvindo como falam, e traduzir do mesmo jeito, então vão entender e notarão que se está falando alemão com ele (Saldanha, 2018, p.87).

Evoco outra imagem feita por Lucas Cranach, intitulada “Paixão de Cristo e Anticristo” (1521). Lucas Cranach, o Velho.” que explora duas questões, uma é sobre o texto bíblico e a outra sobre as indulgências.

Figura 8 - Paixão de Cristo e Anticristo (1521). Lucas Cranach, o Velho.



Fonte: Strelhow (2017).

Segundo Strelhow (2017), a análise exposta na imagem evidencia a discrepância entre os preceitos do Evangelho e as práticas institucionais da Igreja. A xilogravura em questão apresenta dois cenários distintos, sendo o primeiro um reflexo do zelo pelos ensinamentos contidos nos textos bíblicos. Por outro lado, o segundo cenário, transmite a comercialização das indulgências, uma prática que se desenvolve dentro dos domínios eclesiásticos em busca da entrega da graça divina.

A dicotomia entre essas representações não apenas ressalta a potencial ambiguidade entre a fé genuína e as operações mundanas da igreja, mas também sugere uma reflexão profunda sobre os desafios éticos e morais que surgem quando aspectos espirituais se entrelaçam com transações comerciais. O contraste entre a devoção expressa no primeiro quadro e a mercantilização da fé no segundo oferece

uma crítica vívida, convidando a uma análise mais profunda das relações entre a espiritualidade atualizada e as práticas institucionais que podem, por vezes, se distanciar do verdadeiro propósito dos ensinamentos religiosos.

Martinho Lutero, com perspicácia, reconhecia a eficácia das pinturas como uma forma positiva de elucidar os ensinamentos do livro sagrado, tornando-os acessíveis a todos. Ele compreendeu que as imagens constituíam uma ferramenta poderosa para transmitir sua mensagem, transformando o livro de Lutero em uma verdadeira obra de arte sob os talentosos pincéis de seu amigo, Lucas Cranach. Cranach desempenhou um papel crucial ao oferecer sua visão e interpretação dos preceitos religiosos, materializando mais de cem imagens para complementar os textos de Lutero. As obras de Cranach, expostas nas lojas, trouxeram meios de comunicação visual que fortaleceram e apoiaram o movimento reformista.

Nesse contexto, a arte não desempenhava apenas um papel comunicativo, mas também atuava como uma forma de preservação dos estados medievais, e a Alemanha, viu em Cranach um dos agentes dessa preservação. O artista tornou-se confiante de três concorrentes saxões, obtendo, assim, não apenas reconhecimento, mas também riqueza. Sua habilidade em expressar visualmente as aspirações da cidade de Wittenberg fez com que ele se destacasse como um exímio profissional.

A demanda por suas pinturas não se limitava ao âmbito religioso, uma vez que pessoas influentes da cidade buscavam os serviços de Cranach para expressar seus desejos por meio de xilogravuras e outras formas de arte. O papel de Lucas Cranach durante a Reforma Protestante, é evidente que sua contribuição vai além da mera execução artística. Ele se destacou como um dos fatores essenciais. Sua riqueza e prestígio não foram apenas frutos de sua habilidade artística, mas também de sua capacidade de capturar e expressar as aspirações e ideais da comunidade em um momento histórico tão significativo.

SEÇÃO III

PODER E INFLUÊNCIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Segundo Choay (2006), a concepção de patrimônio foi inicialmente enraizada nas estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade que se baseava no espaço e no tempo. Nesse contexto, o patrimônio era adjetivado, sendo uma extensão das características fundamentais da sociedade organizada. Contudo, ao considerar a evolução contemporânea, a definição de patrimônio foi retirada dessa abordagem inicial e passou a englobar construções tangíveis e intangíveis produzidas pela sociedade, como elementos ambientais, monumentais e artísticos.

O patrimônio, assim entendido, não fica somente na herança material, mas assume uma dimensão mais ampla que abrange as criações culturais e simbólicas que moldam a identidade de uma comunidade.

O patrimônio tem um papel essencial como um mecanismo tranquilizador e identitário. Ao evocar e convocar o passado de maneira seletiva, o patrimônio não apenas fornece uma narrativa específica da história, mas também serve como um instrumento vital na preservação da identidade de um povo.

Os patrimônios, nesse contexto, desempenham uma forma de dispositivos de segurança psicológica que fortalecem os laços emocionais com a história coletiva. Ao contribuir para a construção e transmissão de memórias, o patrimônio desempenha um papel crucial na defesa contra as incertezas da existência, proporcionando uma conexão entre a história e a identidade.

Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins exclusivos, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou privada religiosa, nacional, tribal ou familiar. Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança (Choay, 2006, p.18).

O patrimônio artístico desempenha um papel de suma importância na sociedade, sendo uma expressão da cultura e da história de um povo. Sua influência e poder tornam-se particularmente evidentes ao analisarmos momentos históricos cruciais, como a Reforma Protestante. No contexto desse movimento que redefiniu os alicerces do cristianismo no século XVI, o patrimônio artístico teve um papel significativo na divulgação de ideias, na legitimação de novas implicações e na manifestação de poder.

A Reforma também estimulou a criação de um novo patrimônio artístico, refletindo as novas sensibilidades religiosas e ideológicas. Artistas como Lucas Cranach, por exemplo, produziram obras que não apenas ilustraram as narrativas bíblicas, mas também transmitiram os princípios fundamentais da Reforma.

Assim, o patrimônio artístico tornou-se uma ferramenta poderosa para a disseminação e legitimação das ideias reformistas, contribuindo para a construção de uma nova identidade religiosa e cultural.

Mostrando assim, força de orientar as ações humanas, ou pelo menos influenciar suas ações. O segundo capítulo de trabalho apresentou o poder do patrimônio artístico pelas pinturas de Lucas Cranach, o velho, e com suas pinturas debatendo tantas questões teológicas, como também suas ilustrações no livro sagrado para os cristãos, elucida muitas dúvidas e vira notoriedade na vida das pessoas fazendo com que elas apoiassem o que foi transmitido nas telas, e essa força de influência, vem também de quem pintou e quem esse pintor apoiava naquele período. Se pôde entender que a arte, particularmente a arte sacra, através das pinturas não é só estética, mas ela também se relaciona ativamente socialmente, politicamente, economicamente e assim por diante.

A discussão sobre a arte no constructo teológico dos sujeitos na historicidade do cristianismo assinala complexos debates no decorrer da modernidade. Embora muitos pesquisadores e pesquisadoras ao longo da história tenham retratado a temática como campo performático-religioso sob suas perspectivas estéticas quanto à forma, estilo e pelo prazer do belo, (sendo propriamente visuais, ornamentais e monumentais), sua comunicabilidade simbólica e imaginária incorpora elementos relacionados à vitalidade religiosa, política, econômica, social e cultural (Strelhow, 2017, p.21).

De acordo com Strelhow (2017), a tradução da Bíblia para o alemão por Martinho Lutero desempenhou um papel crucial na história cultural e linguística, desencadeando uma série de eventos que moldaram não apenas a sociedade local, mas também tiveram impactos significativos em regiões tão distante quanto a América, Ásia e o Oriente Médio, incluindo o Irã, entre outras áreas. A ação de Lutero não se limitou apenas a uma tradução, mas teve ramificações profundas que transcenderam fronteiras geográficas.

A ênfase dada à palavra através da tradução de Lutero estimulou um interesse renovador na educação universal, criando um ambiente propício para o florescimento da cultura e do conhecimento. Esse movimento, por sua vez, contribuiu de maneira

significativa para a padronização da língua alemã, consolidando-a como um veículo eficaz de expressão e comunicação. A interseção entre a palavra escrita e as representações artísticas desenvolveu uma característica cultural denominada "manipulação icônica".

A fusão entre pintura, textos e discursos deu origem a uma tradição artística visual única, cujo impacto não se restringiu apenas ao contexto local, mas reverberou globalmente. A divulgação das representações artísticas gerou uma mudança profunda no enfoque visual, na medida em que a arte se libertou das amarras teológicas.

Este período testemunhou uma transformação na estética visual impulsionada pela influência da cultura das publicações, na medida que as representações artísticas evoluíram, um processo de padronização foi implementado para preservar o conhecimento que anteriormente era transmitido oralmente.

Esse esforço foi realizado na produção em larga escala de representações artísticas, e elas desempenharam um papel crucial na criação de uma linguagem de comunicação visual acessível a um público mais amplo. A arte deixou de ser exclusiva de círculos restritos e elitizados, tornando-se uma forma de expressão que transcendeu barreiras sociais e geográficas, unindo pessoas por meio de sua linguagem visual compartilhada. Esses recursos contribuíram para uma transformação profunda na sociedade, marcando o surgimento de uma era em que a arte, a educação e a linguagem estavam intrinsecamente interligadas, moldando o imaginário das pessoas.

Segundo Burke e Briggs citados por Strelhow (2017), é possível afirmar que as representações artísticas oriundas do Renascimento assumem, sob a perspectiva da disciplina que se dedica ao estudo abrangente da língua em toda a sua diversidade, a condição de eventos comunicativos de magnitude excepcional. As características inovadoras dessas expressões artísticas, aliadas à introdução da tridimensionalidade, mudaram a estética da época, mas também desencadearam uma série de efeitos profundos no público leitor daquela época.

O advento da tridimensionalidade nas representações renascentistas não se limitou a ser uma mera expressão artística; ao contrário, essas obras foram habilmente concebidas para evocar uma sensação de realidade. A combinação de imagem e ação nas representações renascentistas não apenas proporcionou uma

representação visual, mas também desencadeou uma experiência sensorial, estimulando emoções e aprofundando a compreensão da realidade retratada.

A potência da arte, aliada à força comunicativa da imagem gráfica, desenvolveu a formação de uma esfera artística e literária independente. Esse movimento deu origem a um mercado dinâmico de bens simbólicos, no qual as representações artísticas não eram apenas mercadorias estéticas, mas também veículos de expressão intelectual e avaliação estética.

As representações artísticas do Renascimento, sob a perspectiva da área que estuda a língua em toda sua variedade, foram eventos comunicativos. Suas características inovadoras e a introdução da tridimensionalidade foram capazes de evocar sentimentos de realidade no público leitor, contribuindo para uma maior familiaridade e sensibilidade na imaginação por meio da combinação de imagem e ação. O poder da arte junto da imagem gráfica resultou na formação de uma esfera artística e literária independente, dando origem a um mercado de bens simbólicos, e de avaliações intelectuais e estéticas.

Para Jacques Le Goff (1990), a memória coletiva não é só realização, mas se revela como uma ferramenta e um objeto de influência e poder. Os povos da qual a memória social é por oralidade ou aqueles povos que estão começando a ter uma memória escrita, são esses que mais entendem o embate pela dominação da rememoração e da tradição. A historiografia etrusca emerge como um exemplo que ilustra a ligação estreita de uma memória coletiva com uma classe social dominante.

O caso da historiografia etrusca constitui talvez a ilustração de uma memória coletiva tão estreitamente ligada a uma classe social dominante que a identificação dessa classe com a nação significou ausência de memória.

Não conhecemos os Etruscos, no plano literário, a não ser por intermédio dos Gregos e dos Romanos: não nos chegou nenhuma relação histórica, admitindo que esta tenha existido. Talvez as suas tradições históricas ou para-históricas nacionais tenham desaparecido com a aristocracia que parece ter sido a depositária do patrimônio mural, jurídico e religioso da sua nação. Quando esta deixou de existir enquanto nação autônoma, os Etruscos perderam, ao que parece, a consciência do seu passado, ou seja, de si mesmos (Mansuelli *apud* Le Goff, 1990 p.410).

Portanto, a memória coletiva não é apenas um registro neutro de realizações passadas, mas também uma ferramenta e objeto de influência e poder. E assim, podemos aferir que o patrimônio cultural é um reflexo do passado, mas também uma construção moldada pela influência e poder de determinados grupos sociais.

A título de exemplo do poder e influência do patrimônio, muitos países se organizam para realizar a preservação do patrimônio, pois sabem a força desse bem cultural para identidades e pensamentos da sociedade. De acordo com Angelo e Siqueira, a segurança e preservação dos patrimônios culturais realizados pelos povos, estão sob zelo do Estado moderno, sendo assim, este é essencial por definir se aquele bem cultural tem identificação para seu povo continuar fazendo o que faz e assim valha a pena preservar, ou seja, o Estado e patrimônio andam se interagindo e em harmonia, mas nem sempre. Desde que o Estado observou a importância do patrimônio para sua identidade, inseriu este como pauta importantíssima para preservação.

Conforme assinala Amirou, o Estado central se encarrega da missão de não somente organizar tudo o que for necessário para assegurar a identificação, seleção e proteção do que será inscrito nas listas do patrimônio, como se costuma dizer na França, como também se coloca na posição de observador das transformações sofridas pelo patrimônio ao longo do tempo. Trata-se de um ator social central cujo poder em face do patrimônio não deixa dúvidas sobre suas reais intenções no campo político. O patrimônio foi, dessa maneira, fortemente investido pelo Estado, tendo em vista o interesse das frações hegemônicas que o compõem. (Angelo e Siqueira, 2018, p.57).

Entende-se que a atuação do Estado central é descrita por uma dupla responsabilidade no que diz respeito ao patrimônio cultural. Primeiramente, o Estado desempenha um papel fundamental na organização e preservação do patrimônio, ficando incumbido da complexa tarefa de identificação, seleção e proteção dos elementos que serão inscritos nas listas patrimoniais. Esse papel ativo reflete a preocupação em salvaguardar a herança cultural e histórica de uma nação, um compromisso muitas vezes manifestado por meio de políticas de patrimônio cultural.

Destaca-se que o Estado atua como um observador atento às transformações que o patrimônio sofre ao longo do tempo. Essa postura de vigilância sugere uma preocupação em compreender como as dinâmicas sociais e culturais impactam o patrimônio, indicando uma consciência de sua natureza dinâmica e mutável.

Contudo, o autor ressalta que essa atuação estatal não é isenta de motivações políticas, uma vez que o patrimônio é frequentemente investido pelo Estado em consonância com os interesses das frações hegemônicas.

Dessa forma, o envolvimento do Estado com o patrimônio não reflete apenas um compromisso com a preservação cultural, mas também revela sua influência política e a busca por legitimidade por meio do controle e interpretação do passado coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo incorporar bibliografias amplamente reconhecidas, desempenhando papéis cruciais na elucidação dos acontecimentos relacionados à Reforma Protestante, além de explorar o pintor Lucas Cranach, o velho e o patrimônio artístico que foi usado para a difusão do movimento.

A análise aprofundada da vida de Martinho Lutero, conduzida por Lucien Febvre, não apenas proporcionou uma visão detalhada, mas também uma compreensão profunda e contextualizada dos fatores que se desenvolveram para o surgimento do movimento reformista, destacando aspectos psicológicos.

A perspectiva singular de Jean Delumeau, ao investigar os temores e esperanças dos contemporâneos de Lutero diante das sombras da morte iminente, acrescentou uma dimensão emocional e existencial à compreensão do período. Friedrich Engels, por sua vez, com sua abordagem materialista, lançou luz sobre as implicações econômicas e sociais do movimento reformista, ampliando uma análise para além do âmbito puramente teológico. Sua perspectiva crítica proporcionou uma compreensão mais abrangente das forças motrizes por trás da Reforma, revelando as complexas interconexões entre teologia, economia e sociedade.

A inclusão do pintor Lucas Cranach, o velho, e a exploração do patrimônio artístico na Reforma Protestante, adicionaram uma dimensão cultural significativa. O patrimônio cultural desempenhou um papel crucial na difusão e facilidade das ideias reformistas e ampliaram a visão sobre as influências sociais e culturais desse período tão treinado.

A investigação detalhada sobre a vida do Lucas Cranach, o velho, apelidado de pintor da reforma, acrescentou uma perspectiva inestimável ao entendimento da Reforma Protestante. Por fim, este estudo não apenas desejou ressaltar a relevância das análises de Febvre, Delumeau e Engels, mas almejou destacar enfaticamente a necessidade de considerar a interseção entre o patrimônio cultural e o movimento protestante para alcançar uma compreensão abrangente da Reforma e seu impacto profundamente fundamentado na história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELO, E. R. B; SIQUEIRA, E. D. de. **Patrimônio Cultural na Contemporaneidade: Discussões e Interlocações sobre os campos desse saber.** Porto Alegre, v. 25, n. 48, p. 51-86, dez. 2018.

Barreira, T. C. **Os 500 anos da Reforma Protestante: Weber tinha Razão?**. [Documento digital não paginado]. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/os-500-anos-da-reforma-protestante-weber-tinha-razao>. Acesso em: 25 nov.2023.

CASIMIRO, S. S. **As 95 Teses de Martin Lutero.** [Documento digital não paginado]. Disponível em: https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/1_Jesuitico/95_teses_martin.htm. Acesso em: 18 nov. 2023.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio.** 5.ed., Tradução de Luciano, 4 ed. - São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. p.262.

DELUMEAU, J. **Nascimento e Afirmação da Reforma.** São Paulo: Pioneira, 1989.

FEBVRE, L. **Martinho Lutero: um Destino.** São Paulo: Três Estrela, 2012.

FIGUR, E. N. **A Reforma Protestante e a propaganda religiosa: pinturas de Lucas Cranach, o velho.** Conacir, Juiz de Fora (MG), ano 1, v.1, dez. 2015.

KEIM, E. J. **A educação e a revolução social de Martinho Lutero.** Revista Cient. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 219-237, jan./jun. 2010.

Le Goff, J. 1924 **História e memória.** tradução Bernardo Leitão. Editora da UNICAMP, 1990.

Lucas Cranach, o Velho. [Documento digital não paginado]. Disponível em: https://en.m.wikipedia.org/wiki/Lucas_Cranach_the_Elder. Acesso em: 20 nov. 2023.

Lucas Cranach d.Ä. - Martin Luther, 1528. [Documento digital não paginado]. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lucas_Cranach_d.%C3%84._-Martin_Luther,_1528_%28Veste_Coburg%29.jpg. Acesso em: 25 nov. 2023.

MARLOW, S. L; ROSA, W. P. de. **A Peste Negra e o imaginário religioso nas obras de Jean Delumeau**. PLURA, Revista de Estudos de Religião, vol. 12, nº 1, 2021, p. 80-98.

MONTEIRO, R. B. **As Reformas Religiosas na Europa Moderna - Notas para um Debate Historiográfico**. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37: p.130-150, Jan/Jun 2007.

Murdock, G. **'Geographies of the Protestant Reformation'**, in Ulinka Rublack (ed.), The Oxford Handbook of the Protestant Reformations (2016; online edn, Oxford Academic, 5 Oct. 2015), <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199646920.013.24>, accessed 3 Dec. 2023.

NETO, J. O. R. **O Conceito de Reforma Protestante na Historiografia Brasileira**. Goiânia, v. 24, n. 1, p. 206-217, jan./abr. 2019.

NETCHEV, S. **Religions in Europe in the 16th Century**. [Documento digital não paginado]. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/image/14972/religions-in-europe-in-the-16th-century/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

PARKER, E. **The Reformation of Religious Images: Lucas Cranach the Elder and Martin Luther**. Epistolê "Theology is poetry concerning God" ~ Petrarch, 2009. [Documento digital não paginado]. Disponível em: <https://epistole.wordpress.com/2009/12/21/the-reformation-of-religious-images-lucas-cranach-the-elder-and-martin-luthers-bible-of-1534/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

Reforma Protestante em seu ápice. [Documento digital não paginado]. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Protestant_Reformation.svg. Acesso em: 07 dez.2023.

RIBEIRO, W. C; **Religião, Política e Luta de Classes: As reflexões de Friedrich Engels Sobre o Fenômeno Religioso.** Revista Ensaio, v. 17, jul-dez, 2020, p. 7-25.

ROCHA, S. M. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944).** 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010.

RUPRECHT, R; GABATZ, C; SALDANHA, M. R. **Um homem – uma mulher, uma serpente e uma maçã: uma reinterpretação do mito fundante do povo hebreu na perspectiva do protestantismo renascentista.** São Leopoldo. v. 62, n. 02. p. 369-386. Jun./dez. 2022.

SALDANHA, M. R. **A lei e a graça: uma introdução à iconografia luterana.** São Leopoldo. v. 7 n. 2. p. 87-97. Jul.-Dez. 2018.

Situação religiosa na Europa após a guerra dos 30 anos e a contra reforma.

[Documento digital não paginado]. Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Counterreformation.svg. Acesso em: 01 dez. 2023.

SOUSA, R. B. **Aqui é da terra que se sobe ao céu Marx, Engels e a religião.** Maringá, v. 35, n. 1, p. 115-126, Jan.-June, 2013.

STRELHOW, D. M. P. B. **A Arte no Contexto Protestante-Luterano: Perspectivas e Desdobramentos Históricos.** 2017. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade EST, São Leopoldo, 2017.

STRELHOW, D. M. P. B. **Paixão de Cristo e Anticristo (1521). Lucas Cranach, o Velho.** 2017. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade EST, São Leopoldo, 2017. p.92.